



O imigrante italiano e sua relação com a religião católica mediada por agentes religiosos

The italian immigrant and his relationship with Catholicism mediated by religious agents

Carina Maria Melchiors Niederauer*

Resumo: Este estudo explora o sistema cultural dos imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul, principalmente na Região da Serra Gaúcha, por volta de 1870, enfocando especialmente sua relação com a religião católica, mediada por agentes religiosos. A religião católica foi um pilar essencial para a organização das novas comunidades formadas pelos imigrantes italianos, proporcionando a eles identidade cultural, força para enfrentar as dificuldades no novo território e integração social. Tem-se como *corpus* fontes bibliográficas, escritas, na sua maioria, por representantes do clero dessa região. Para a realização desta pesquisa são postos em relação a perspectiva de cientistas da religião e sociólogos e de relatos de imigrantes italianos. Como resultado, observa-se que a fé desempenhou um papel determinante nessa reconstrução cultural, com a construção de capelas e realização de ritos e festas que uniram as comunidades em torno do trabalho, da família e da fé.

Palavras-chave: Imigrante italiano. Religião Católica. Cultura.

Abstract: This study explores the cultural system of Italian immigrants who arrived in Rio Grande do Sul, particularly in the Serra Gaúcha region, around 1870, focusing especially on their relationship with the Catholic religion, mediated by religious agents. Catholicism served as a fundamental pillar in the organization of the new communities formed by Italian immigrants, providing them with cultural identity, strength to face the challenges of the new territory, and social integration. The corpus is composed of bibliographical sources, mostly written by clergy members from that region. For the development of this research, the perspectives of scholars of religion, sociologists, and accounts from Italian immigrants are brought into dialogue. The results show that faith played a decisive role in this cultural reconstruction, through the building of chapels and the celebration of rituals and festivals that united communities around work, family, and faith.

Keywords: Italian immigrant. Catholic religion. Culture

Introdução

Este estudo busca entender o sistema cultural do imigrante italiano que, em meados dos anos de 1870, chegou ao Rio Grande do Sul, em especial na Região da Serra

* Doutora em Letras (2015), Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade (2007), graduada em Letras-Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa (2005), graduada em Letras - Secretário Executivo pela Universidade de Caxias do Sul (1987). Professora do corpo colaborador do Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade e professora do Curso de Letras-Licenciatura, da UCS. Está realizando estágio de pós-doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5453-8912>

Gaúcha, especificamente, por meio da relação que estabeleceu com a religião – este, que foi um de seus mais importantes pilares de sustentação na organização das novas comunidades.

A partir disso, é possível conjecturar hipóteses para interpretar como as experiências religiosas dessa(s) população/comunidades determinaram todo seu sistema de relações, pois os imigrantes italianos que aqui chegaram, conforme Costa (1990), eram maciçamente católicos e, desta forma, como diz Manfrói (1975), a religião católica contribuiu para que o imigrante, recém-chegado, pudesse reencontrar sua identidade cultural e forças para superar as dificuldades que encontrava na nova terra. Além disso, de acordo com Zagonel (1975), é pelo critério da catolicidade que os italianos e seus descendentes se identificavam entre si, muito mais do que pela língua ou pela nacionalidade. Nesse sentido, esclarece Costa (1996, p. 617): “Os imigrantes italianos eram, em sua maioria absoluta, portadores de uma cosmovisão sacral concebendo a religião como a instância justificadora e legitimadora da ordem social e da vida quotidiana”. Importa ainda frisar que a relação do imigrante italiano com a religião católica, nesse processo de fixação em novas terras, foi mediada por agentes religiosos.

Nessa reconstrução cultural, a Religião Católica ocupou lugar de destaque, pois a construção de capelas e a realização de ritos e festas proporcionaram a formação de linhas coloniais que se tornaram comunidades de trabalho e de fé. A religião, assim, foi um elemento de integração, força e dinamismo econômico, uma vez que viabilizou ao imigrante italiano um quadro sociocultural em que podia se reconhecer e expandir seus horizontes pessoais e coletivos.

Ligada à questão da religião, vamos encontrar toda uma relação de amor e temor a Deus. Ao mesmo tempo, os rituais despontam como imprescindíveis para a conservação e a manutenção da religiosidade do imigrante.

Tem-se como objetivo tratar do fenômeno *religião*, em alguns de seus aspectos mais relevantes, sob o ponto de vista de alguns estudiosos proeminentes, tais como: Walter Burkert (1996), estudioso alemão da mitologia e dos cultos gregos; Émile Durkheim (1996), antropólogo e sociólogo; e Mircea Eliade (1992), cientista das religiões. Além disso, conta com uma revisão bibliográfica de estudiosos do tema *religião*, por meio de seus discursos, que nos serve de *corpus*, que abordam especificamente a imigração italiana no Rio Grande do Sul, em especial a *colonização* – termo frequentemente utilizado na literatura – como uma forma de resgatar a memória de estudos que não foram extensiva ou formalmente documentados. Nosso intuito é organizar, por meio do percurso traçado pelo ponto de vista desses autores, uma melhor compreensão sobre a relação do imigrante italiano com a religião na construção de um novo lugar para viver, permeado pelas influências culturais trazidas da Itália.

Religião e sociedade

Para compreendermos melhor a importância da religião católica para os primeiros imigrantes italianos, retomamos, a seguir, alguns estudiosos proeminentes desse tema.

Consoante Burkert (1996, p. 16) – “O ser humano é definido pela cultura, muito para além da sua maneira de ser natural: ‘não existe nenhuma natureza humana à parte da cultura’”. O historiador da religião discorda do chamado “novo dualismo” que exclui a natureza dos estudos culturais. Prova disso está no fato de que a religião tem sido inserida na cultura, a fim de que se possa analisá-la em épocas e grupos variados. A religião, dessa forma, fica em posição de contraste com a natureza, não podendo ser tratada apenas como um fenômeno da natureza humana. A religião, assim como a arte, desponta como uma necessidade para o ser humano (desde o *Homo sapiens*), aparecendo de forma integrada nas diferentes culturas e sempre assumindo as formas ditadas por cada cultura.

As semelhanças entre os fenômenos religiosos existentes nas várias culturas podem ser detectadas, por exemplo, por meio do comportamento ritual formal e dedicado à veneração, os sacrifícios impostos, os votos e preces endereçados a seres superiores, bem como pelas canções, ensinamentos e explicações a respeito dos cultos, defende o estudioso alemão.

Tal afirmação vem ao encontro desta investigação, na medida em que postula exatamente a valorização da diversidade cultural como caminho para a compreensão de questões de cultura regional.

Muitos dos elementos da religião citados por Burkert (1996) estão marcados na história do imigrante italiano, que era essencialmente católico. Havia uma necessidade premente de manutenção dos rituais sagrados (batizado, casamento, unção dos enfermos), da realização de sacrifícios (o santo sacrifício da missa) como forma de remissão dos pecados e da manutenção dos ensinamentos religiosos aos mais jovens por meio da catequese. Mães e avós ensinavam seus filhos a rezar durante seus afazeres domésticos, conforme se pode ler a seguir:

Maria Andreola conta que sua mãe sabia “todas as orações italianas” e o catecismo de cor. À noite, enquanto ordenhava as vacas, chamava as crianças ao seu redor e, enquanto tirava leite, ensinava o catecismo. Se as crianças acertassem as respostas, ganhavam leite quente para beber (Battistel, 1981, p. 61).

Um fator importante levantado por Burkert (1996, p. 22) é o de que tanto no passado quanto no presente as religiões têm sua origem “em cenários culturais, sociais e históricos especiais; podem ser elaboradas como sistemas simbólicos e interpretadas de modos fascinantes”. Uma das vantagens da religião residiria no fato de ela instituir a estabilidade e continuidade de uma cultura.

Outro ponto destacado pelo autor é o de que a religião possui a capacidade de oferecer condições de resistência a situações de catástrofe, viabilizando, inclusive, a procriação, mesmo diante de situações limite. Nesse sentido, afirma:

Embora a obsessão religiosa pudesse ser designada como uma forma de paranoia, proporciona, de facto, uma hipótese de sobrevivência em situações extremas e desesperantes, nas quais outros, certamente, os indivíduos não religiosos, desanimariam e

acabariam por desistir. A espécie humana, no seu longo passado, terá experimentado muitas situações desesperantes, com uma subsequente irrupção de *homines religiosi* (Burkert, 1996, p. 30).

Isso fica evidente em nosso estudo, quando nos deparamos, em alguns discursos, com diversas descrições da importância da religião para a sobrevivência do imigrante italiano quando de sua chegada ao Brasil, mais especificamente quando de sua chegada à região hoje chamada região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Exemplo disso pode ser visto no seguinte excerto:

Chegado ao seu novo destino, longe do convívio humano, o primeiro colono que chegou, tinha apenas o bom Deus que paternalmente por ele velasse em meio a tantos perigos, e o defendesse do assalto do animal selvagem e do extermínio das enfermidades. Exausto pelo trabalho do dia, reunia à noite a sua familiazinha ao redor da parca mesa, recitava as suas breves orações e se recolhia e adormecia com a consciência tranquila, cheia de fé na Providência Divina (Baréa, 1995, p. 14-15).

Para o ser humano, segundo Burkert (1996, p. 114), a religião é tudo, é o reconhecimento de uma condição de inferioridade diante do poder superior. Ao aceitar a religião, é aceita, também, toda uma condição de hierarquias que envolvem submissão, subordinação e dependência de entidades superiores invisíveis. Isso ocorre em praticamente todas as religiões antigas. O autor acrescenta: “Deus significa poder, autoridade e honras devidas”. Em significando poder e autoridade, é possível verificar a relação que é feita, em diferentes culturas, com a figura de um monarca.

Vê-se isso, com relação ao imigrante italiano, quando Baréa relata que:

Agora as capelas de madeira estão sendo gradativamente substituídas por outras de alvenaria. Deus tanto os protegeu e abençoou que eles desejam mostrar-se reconhecidos erguendo templos mais dignos à Majestade infinita (Baréa, 1995, p. 15).

Com relação à culpa, diz Burkert (1996) que os sofrimentos do ser humano podem ser explicados como punições divinas, os castigos divinos. Ele expõe sua submissão mediante a confissão dos pecados, ou seja, há um pacto estabelecido entre o punidor e o punido. A confissão dos pecados, entretanto, não está restrita, como pode parecer, à religião católica, mas se faz presente em muitas outras.

Battistel e Costa (1982), ao realizar uma pesquisa antropológica, explicam que, para o imigrante italiano:

O conceito de Deus é o de uma autoridade suprema, que dá prêmios e castigos imediatos e infalíveis. Deus não é um pai que tem filhos, mas um Senhor que tem súditos e servos. À autoridade paterna e materna, na família, atribuíam-se a função de Deus. Por isso, os pais sentiam-se imbuídos do poder de perdoar ou de condenar, de abençoar ou de amaldiçoar. Deus é o dono da natureza, que a manipula em favor ou contra o homem. As secas, as enchentes e as tempestades eram, muitas vezes, vistas como castigo contra a blasfêmia ou a pouca frequência aos atos religiosos (Battistel; Costa, 1982, p. 50).

No que diz respeito ao uso de sinais, ou validação dos signos, Burkert (1996, p. 298) afirma que “os signos servem para ultrapassar a distância que separa o mundo do indivíduo, mesmo que permaneçam como intermediários e possam mesmo obstruir um acesso mais directo”. Adquirem sentido a partir da psique do ser vivo, quando do estabelecimento de uma relação entre o que representa e seu receptor. A psique humana diferencia-se exatamente pela sua capacidade de dar sentido aos sinais, processo este que requer que se mantenha contato com a realidade exterior e que, ao mesmo tempo, tenha-se consciência desta conexão. Um exemplo disso, na religião católica, pode ser visto na seguinte passagem:

Festa do Corpo de Deus, “Corpus Christi”

É considerada uma festa importante. Realizava-se onde houvesse sacerdotes. Essa devoção é cultivada de maneira especial em Flores da Cunha e Garibaldi, onde as procissões são soleníssimas e ricas de símbolos e sinais. [...] (Battistel, 1981, p. 58).

Mas as representações nas religiões vão mais além, e Burkert (1996) chega então à produção de imagens, como uma nova categoria de signos, um ícone. Diferente do que se possa supor, não foram as imagens que geraram a veneração, mas sim os rituais religiosos, rituais de veneração. Os rituais têm por fim maior controlar o comportamento do corpo, este que se apresenta como elo entre o mundo mental e o ambiente natural. É a mente processando sua vontade no corpo.

Com base nessa afirmação do autor, somos levados a pensar no valor que as imagens de santos tinham para os imigrantes italianos, quando de sua vinda para o Brasil e de sua instalação nas novas terras. Não é incomum encontrarmos referências a isso, como pode ser demonstrado no seguinte excerto de nosso *corpus*:

Se à noite a família se reunia para rezar; no fim de semana, as famílias se reuniam, ora na casa de um, ora na casa de outro e lá improvisavam um culto público diante de *uma imagem da Virgem ou de santo*, colocada sobre um toco de árvore derrubada ou sobre caixote armados sob uma árvore improvisada em templo. (Zagonel, 1975, p. 51, grifo nosso).

Os estudos de Durkheim sustentam nossa ideia sobre a importância de se investigar a natureza religiosa do ser humano, para que se possa compreender sua cultura de forma evolutiva, uma vez que este, segundo ele, é “um aspecto essencial e permanente da humanidade” (Durkheim, 1996, p. VI).

Ao prosseguir na busca pelos principais aspectos da religião, que é o que Durkheim persegue em suas reflexões, surge a questão da divindade. Tem-se aí um vínculo entre o espírito humano e o espírito divino, a quem se credita o poder sobre o mundo, bem como o poder sobre o ser humano. No entanto, não são apenas os espíritos divinos merecedores de ritos e, em alguns casos, de cultos regulares, muitas vezes enquadram-se

nessa questão, as almas dos mortos, assim como de espíritos de toda ordem. Vejamos como isso acontece com os imigrantes italianos:

Oração para os falecidos

As famílias dos imigrantes rezavam constantemente e visitavam, com frequência, os túmulos dos falecidos para rezar. Acreditavam piamente na ressurreição da alma logo após a morte corporal, no Purgatório, no Céu, no Inferno. Tinham grande devoção às almas, especialmente as mais abandonadas e a consciência viva da Comunhão dos Santos. A pessoa falecida não desaparecia da família, porque sua memória, seus conselhos, palavras e exemplos continuavam na tradição familiar. Acreditavam também que, por vontade divina, os mortos podiam aparecer, sobretudo se eles tinham feito alguma promessa em vida, que ainda não fora cumprida. O tema de aparições de mortos era muito explorado em histórias narradas em filós. Vários contos e histórias gravadas confirmam esse temor em relação às pessoas falecidas. “Quando moro, vegno ciaparte pa e gambe”, isto é, ‘quando eu morrer, virei pegar-te pelas pernas’. Esta expressão era comum entre as pessoas de idade. Quando falasse a pessoa que proferia tal expressão com certo grau de indignação deixava o ouvinte com medo [...] (Battistel, 1981, p. 24).

O que diferencia os ritos das demais práticas humanas é o seu objeto, pois, nos dois casos, a maneira prescrita de agir dependerá do gênero do objeto a que se dirige; assim, torna-se necessário que se caracterize o objeto para que se possa caracterizar o rito. Definido o rito, ter-se-á definida a crença (Durkheim, 1996).

Manfrói (1975) descreve a importância dos rituais para os imigrantes italianos recém-chegados:

A religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS era, necessariamente e essencialmente, ritualista. Isso não exclui a prática das virtudes cristãs que [...] eram parte integrante da organização comunitária das capelas. Mas o conteúdo principal de sua religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo (Manfrói, 1975, p. 185).

Todas as crenças religiosas concebidas pelo ser humano, diz Durkheim (1996), da mais simples à mais complexa, supõem uma classificação das coisas, tanto as reais quanto as ideais. Tal classificação é, em geral, distinguida por dois termos: o sagrado e o profano. Nesse âmbito, incluem-se os ritos, uma vez que só podem acontecer por intermédio de alguém consagrado, ou seja, as palavras e gestos que os compõem não podem ser executados por qualquer pessoa – é necessário que este alguém esteja imbuído desses poderes.

Complementando, diz Durkheim (1996, p. 24): “As coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras”. Em suma, os ritos aparecem como sendo a forma apropriada de o ser humano comportar-se frente às coisas sagradas. Fica evidente que, para todas as religiões, inclusive para o cristianismo, a aceitação da pluralidade de coisas sagradas é inevitável, uma vez que no próprio cristianismo há a aceitação de outros seres divinos que não apenas Deus, este que, na

verdade, representa uma tripla divindade. Há também os anjos, os santos, a Virgem Maria, as almas dos mortos etc.

Voltando à questão dos rituais, Durkheim (1996) faz referência aos ritos de iniciação praticados por vários povos. Seria algo como a passagem do mundo puramente profano, mundo em que se viveu na infância, para o mundo das coisas sagradas.

Na religião católica, foco de nossa análise, isso pode ser representado pela catequese, que foi e é um dos principais rituais praticados pelo imigrante italiano e seus descendentes. Um exemplo disso pode ser visto a seguir:

O catecismo era ensinado por José Dall'Agnol, Strapazzon, a velha Nalin, eram diversos. Havia também o Antônio, chamado Antonião, o pai do Desidério. Ensinavam um ano cada um. Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. Eu sei de cor. Diziam: "Sois vós cristãos?" – Sim, eu sou cristão pela graça de Deus. "E que significa ser cristão? – Ser cristão significa, ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo..." (disse quase todo o catecismo de cor e está gravado) (Battistel, 1982, p. 426).

Outra questão importante para nosso estudo, que é levantada por Durkheim (1996), diz respeito à igreja. Ele afirma que uma igreja é uma comunidade moral formada pelos sacerdotes e seus fiéis. Contudo, o autor destaca que é importante ter sempre o cuidado de, quando introduzir a noção de igreja à definição de religião, não esquecer das religiões individuais, instituídas pelos próprios indivíduos. Um exemplo disso, no cristianismo, poderia ser o santo padroeiro, ou o anjo da guarda, muitas vezes invocados nos cultos e preces individuais.

Esses cultos, apesar de individuais, não são sistemas autônomos da igreja, são apenas um aspecto da religião comum a toda igreja. Um exemplo dessa situação poderia ser o da escolha do santo padroeiro pelos cristãos, escolha essa sempre regida pelas regras canônicas da Igreja e que deve ser feita a partir de uma lista de santos reconhecidos pela igreja católica. Mais uma vez nos vemos diante de um aspecto da religião influenciando a cultura dos imigrantes italianos. A fim de exemplificarmos, fazemos uso do seguinte recorte:

Deus, a Virgem Maria e os Santos foram o sustentáculo e o refúgio dos imigrantes italianos, durante a viagem e nos primeiros anos de seu estabelecimento no RS. A oração individual nos momentos difíceis, a prece familiar nas frentes de trabalho da floresta, a liturgia dominical da sociedade na linha colonial foram uma constante característica dos colonos italianos (Manfrói, 1975, p. 157).

Com relação aos cultos, diz Durkheim (1996), não serem eles apenas um conjunto de rituais aos quais todos devem seguir; na verdade, são ritos de cerimônias e festas que têm por característica ser periódicas. É a forma encontrada pelo fiel para, de tempos em tempos, fortalecer seus vínculos com os seres sagrados a quem reverencia. Esses cultos, entretanto, são endereçados a uma divindade, ou seja, a um mito que é quem fixa a fisionomia dessa divindade.

Sagras e festas

Os imigrantes guardavam rigorosamente as festas de preceito do calendário litúrgico. Não trabalhavam nos dias santos. Aproveitavam o dia para ir à missa. Lá, o padre ensinava a vida do santo festejado e, ao chegar em casa, durante o almoço ou após a janta, à noite, o pai contava para a esposa e para os filhos o que o padre dissera na prédica ou nos avisos da missa. Repetia o sermão. Essas histórias estão tão gravadas na memória das pessoas que, nas entrevistas, vários contaram tópicos da vida de santos, ouvidas nas prédicas. [...] (Battistel, 1981, p. 44).

Para as pessoas, não basta que existam objetos a serem amados e buscados, é necessário que esses objetos emitam forças energéticas superiores às do próprio ser humano. Mas, para que ele possa sentir sua influência, é importante que sejam repetidos os atos capazes de renovar tais forças. A esse movimento de renovação periódica de forças Durkheim (1996, p. 460) chama de culto, pois é a partir dele que o praticante de qualquer religião terá a sensação de paz interior e até mesmo de entusiasmo. Assim, para o autor: “O culto não é simplesmente um sistema de signos pelos quais a fé se traduz exteriormente, é o conjunto dos meios pelos quais ela se cria e se recria periodicamente. Quer consista em manobras materiais ou em operações mentais, é sempre ele que é eficaz”.

Padre Leigo

Construídos os oratórios e mesmo antes da construção, os imigrantes procuravam organizar o culto dominical recordando, o quanto possível, o culto celebrado na longínqua igreja natal. A missa, as bênçãos, as devoções, as cerimônias... tudo de acordo com o tempo litúrgico. Reuniam-se em torno de alguma imagem ou quadro, eventualmente trazido da Itália, e procuravam os livros de devoção que, normalmente, acompanhavam a família como uma herança preciosa (Zagonel, 1975, p. 54).

Introduzimos, a partir deste ponto, o pensamento de Eliade (1992), que trata a questão do sagrado – este, que surge para fazer oposição ao profano – em sua totalidade. As pessoas reconhecem o sagrado como algo distinto do profano. Para trabalhar com o sagrado, o autor propõe a utilização do termo “hierofania”, que significa “algo sagrado se nos revela” (1992, p. 17). Segundo ele, a história das religiões é marcada por hierofanias desde as mais simples, como a manifestação do sagrado em uma pedra, até a considerada mais suprema para um cristão, que é a encarnação de Deus em Jesus Cristo. De fato, está-se diante da manifestação de algo diferente, misterioso, em objetos de nosso mundo natural.

Destaca Eliade (1992) que a questão do espaço, para aquele que é religioso, é de suma importância, uma vez que este não entende o espaço como algo homogêneo, mas sim como um espaço que apresenta rupturas, ou seja, heterogêneo. Isso pode ser visto quando o Senhor diz a Moisés: “[...]’Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado’.” (Êxodo, 3:5). A partir disso, pode-se inferir a existência de dois espaços, um sagrado e outro profano.

Eliade (1992, p. 26) destaca que a experiência da não homogeneidade, defendida por quem é religioso, é o que determina a fundação do mundo. Trata-se de uma experiência que antecede a reflexão a respeito do mundo, e diz ainda:

A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo”. A questão nodal nesse caso reside na importância da aquisição de um ponto fixo, de um Centro do mundo. Ou seja: “Para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer no ‘caos’ da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. A descoberta ou a projeção de um ponto fixo – o Centro – equivale à Criação do Mundo [...]. (1992, p. 26).

Na verdade, atesta Eliade (1992), é condição primeira estabelecer o espaço sagrado, evidenciando a não homogeneidade do espaço, que, para ele, representa o profano. A delimitação desse espaço se dá, algumas vezes, pelo limiar imposto pela porta, que figura como símbolo e veículo de passagem. É ela que permite, em um dado momento, a transposição entre o mundo profano e o sagrado. Nesse mesmo sentido, chega-se à igreja, que é o lugar onde o mundo profano é transcendido. É através desses símbolos, por exemplo, que o ser humano pode, simbolicamente, subir ao Céu, da mesma forma que os deuses podem descer à Terra. O templo, para muitas religiões, equivale a uma abertura para o alto, que propicia o contato com o mundo dos deuses. Assim sendo, todo espaço sagrado acarreta uma hierofania.

Pode-se inferir, de acordo com o que diz Eliade, que basta um sinal que introduza significação religiosa para que seja posto um ponto final na relatividade, na confusão e, caso este sinal não ocorra espontaneamente, ele será provocado, a fim de que se possa escolher, entre outras coisas, o lugar para a construção de um santuário. É dessa forma que o ser humano religioso recebe a revelação de um lugar sagrado. Isso tudo prova que “o homem religioso só consegue viver numa atmosfera impregnada do sagrado, [...]” (Eliade, 1992, p. 31).

Em função de sua necessidade de viver em um espaço sagrado, cria técnicas de orientação, ou seja, técnicas de construção de um espaço sagrado. Na verdade, quando se busca recriar tal espaço, faz-se por meio de um ritual, na tentativa de reproduzir a obra dos deuses. Assim, torna-se imperioso, para o ser humano religioso, a construção de espaços sagrados por meio de rituais.

Ao se instalar em um território, este passa a ser consagrado, principalmente quando se trata da instalação de povos sedentários, pois tal decisão trará implicações existenciais para essa nova comunidade, ou seja: “‘Situar-se’ num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao ‘criá-lo’” (Eliade, 1992, p. 36). Trata-se, em suma, de uma recriação do Universo habitado pelos deuses.

Essa observação feita pelo autor é corroborada, em nossa análise, pela necessidade imediata demonstrada pelos imigrantes italianos de consagrar o território em que se instalavam como forma de recriação do Universo pertencente a Deus. Isso se evidencia pela urgência em construírem capelas e igrejas e, na ausência destas, pela manutenção de rituais religiosos que pudessem fundar, mesmo que de maneira simbólica, esse novo espaço sagrado. A importância e se estabelecer um espaço sagrado pode ser vista

a seguir: “Num ambiente em que o único sistema de referência é o sagrado, em que normas e valores profanos legitimam-se pelas normas e valores religiosos, compreende-se a importância que adquiriu, para cada linha, a construção da capela” [...] (De Boni, 1980, p. 236). O ser humano religioso entende sua instalação em um novo território como uma reafirmação da cosmogonia, logo, “[...] a instalação num território equivale à fundação de um mundo” (1980, p. 46).

O que está em jogo nessa criação de novos Centros do Mundo não é a questão geográfica propriamente dita – o que importa é que se trata de um espaço sagrado passível de sofrer inúmeras rupturas.

Assim, naquilo que é objeto deste estudo, a forte ligação do imigrante italiano com a fé e, ao mesmo tempo, sua necessidade imediata de erguer uma capela, uma igreja, pode ser explicada pelo fato de que, como diz Eliade,

[...] para o homem religioso toda decisão existencial de se “situar” no espaço constitui, de fato, uma decisão religiosa. Assumindo a responsabilidade de “criar” o mundo que decidiu habitar, não somente cosmiza o Caos, mas também santifica seu pequeno Cosmos, tornando-o semelhante ao mundo dos deuses (Eliade, 1992, p. 61).

Eliade (1992) segue, tratando do papel importante dos simbolismos nas questões religiosas e, dentre esses símbolos, destaca a água, que tanto pode representar a morte quanto o renascimento, podendo ser um elemento purificador e regenerador dos pecados.

A água, para a igreja, tem, no sacramento, a virtude de santificar, sempre que Deus for invocado sobre ela; ou seja, o Espírito Santo, quando invocado por seu intermédio, paira sobre ela santificando-a (Eliade, 1992). Um exemplo da importância da água para os imigrantes italianos católicos é o que segue: “Ao encerramento das procissões [...] a grande preocupação era a de ser atingido pela água benta que o sacerdote lançava sobre o povo nessas circunstâncias.” (Battistel, 1982, p. 56).

Em suma, o ser humano religioso acredita na eterna presença do sagrado, como realidade absoluta, independentemente do contexto histórico em que estiver inserido, e que a vida, da mesma maneira, por ter uma origem sagrada, que atualiza de forma constante suas potencialidades, opondo-se, assim, ao ser humano a-religioso, que é aquele que aceita a relatividade da realidade como sendo ponto pacífico.

Procuramos aqui fazer uma revisão de literatura relativa à questão da religião e da fé, tratando dos elementos que definem, situam e circunscrevem o fenômeno da religiosidade e da devoção, nos planos do sagrado e do profano, no universo biológico, social, cultural e histórico que se relacionam com a fé dos imigrantes italianos, elemento determinante para sua sobrevivência nas novas terras.

O imigrante italiano e a religião

Boa parte da literatura pertinente ao tema religião na imigração italiana foi produzida por autores ligados ao clero. Isso se justifica por terem sido as congregações religiosas que estiveram mais próximas do imigrante no início de sua instalação na região das

antigas colônias italianas, bem como por serem os mais capacitados intelectualmente para produzir registros escritos.

O imigrante italiano manteve-se o tempo todo em conexão com as coisas da igreja e do divino, por meio de atividades ritualísticas. Possivelmente esse comportamento ritualístico foi a única maneira de, na ausência de capelas e igrejas, não perder contato com as coisas da fé e de garantir forças para superar as dificuldades que enfrentava.

De acordo como o frei capuchinho Rovílio Costa (1990), os imigrantes italianos que chegaram às antigas colônias italianas eram provenientes, em sua maioria, da região do Vêneto, Lombardia, Trentino e Friuli, e eram maciçamente católicos. Traziam na bagagem o sonho de conquistar um pedaço de terra e de encontrar a prosperidade para toda a família. Nesse sentido, de acordo com o autor:

Seria frustrado o trabalho, a conquista econômica, o sucesso familiar e social, se não ocorresse, também, a salvação, preocupação da maior parte das famílias, porque católicas praticantes. A preocupação pela salvação é comprovada pela preocupação que as comunidades tiveram no atendimento às “necessidades religiosas”. Chamar o padre quando alguém estivesse em perigo de vida, era mais importante que chamar o médico. Saúde e salvação se equivalem como valores – aquele para o progresso material e este, para o sucesso espiritual do destino cristão (Costa, 1990, p. 532).

Para eles, afirma Costa (1990), a religião era vista sob o prisma da vantagem e da utilidade. Além disso, ter saúde significava poder usufruir as vantagens da vida no presente, assim como ter sucesso no trabalho.

Dentre os principais elementos de expressão religiosa, o autor destaca a oração às almas do purgatório. Rezava-se constantemente por elas, tudo isso em decorrência de sua preocupação com a ideia da ressurreição da alma e com a possibilidade do julgamento que determinaria o céu ou o inferno como destino.

A devoção familiar mais presente entre os descendentes de italianos era a mariana. A reza do terço, que é um costume trazido da Itália, especialmente da região do Vêneto, era o indicador das famílias constituídas de bons cristãos, sendo a oração central das famílias e da comunidade.

Como forma de confirmar esse costume, Battistel e Costa apresentam uma passagem de Pietro Marcon que, em entrevista publicada em “Assim vivem os italianos”, diz: “Quase todas as famílias rezavam o terço. Era coisa sagrada. A missa, no domingo, só se faltava por força maior ou por doença... Isto na Itália. Aqui em São Marcos, o padre vinha cada mês, senão ia-se todos os domingos ao terço¹” (1982, p. 175 1v., tradução nossa).

Segundo Costa (1990), o imigrante vivia a religião como uma forma de religiosidade popular, ideia muito próxima daquela que o levou a imigrar. Dessa forma, a religião passou a ser vista e entendida pelo prisma da utilidade. Enquanto a ciência busca consistência e coerência para justificar as ações humanas, a religiosidade popular

1 “*Quási tute le famílie disea sú el rosário. L’era na cosa sagrada. A messa era solo per forza magior, de male, sol per male, sinó no se mancava mai, a la domènega... Qüesto in Itália. Quá in San Marco nó, cada mese vegneva el prete dir la messa, sino se ndava tute le domènéghe al rosário...*” (Costa, 1990, p. 533).

busca soluções práticas que possam resolver situações de necessidades imediatas. Para a religiosidade popular, não há nada que Deus não possa resolver. Por isso, quando as comunidades buscavam escolher um patrono, a primeira pergunta que faziam era a seguinte: “Mas este santo serve para quê? Será um santo forte?”² (Costa, 1990, p. 533, tradução nossa)

O imigrante italiano e seus descendentes tinham o seu pensar e o seu proceder norteados por três prismas diferentes. O primeiro que atribuía poderes divinos à natureza; o segundo que atribuía poderes absolutos a Deus; e o terceiro, que atribuía poderes a Deus, aos santos e à Virgem Maria.

Costa (1990) destaca que tanto a catequese quanto a pastoral faziam uso da dependência religiosa das pessoas para conseguir obediência e submissão às normas da religião. Alguns pregadores, segundo o autor, tiravam proveito de calamidades, tais como secas, enchentes e pragas, para acusar os que não frequentavam a igreja, bem como os blasfemadores como responsáveis pelos castigos de Deus. Logo, para esses pregadores: “Deus se serve das forças da natureza para agir contra o homem infiel.” (Costa, 1990, p. 536), como um patrão que repreende e pune seus empregados por não trabalharem de acordo com o esperado.

O autor revela que a mesma atribuição dada a Deus era dada a seus representantes. É o caso do padre que, fazendo uso do poder divino que lhe é atribuído, torna-se capaz de amaldiçoar ou abençoar, condenar ou salvar. Costa (1990) lembra, ainda, que não foram poucos os padres que naquela época tiraram proveito dessa fragilidade do povo imigrante.

Diferentemente do poder atribuído a Deus e a seus representantes, à Virgem Maria é atribuído o poder de mãe que, como dizem, “*não manda nada, mas de fato decide tudo*” (Costa, 1990, p. 536, grifos do autor). Acreditavam que ser amaldiçoado pela mãe representava ser infeliz pelo resto da vida – logo, ofender Maria representava o mesmo que ofender a própria mãe.

Para Costa (1990, p. 536, tradução nossa), a ideia de Maria como fonte de salvação está associada ao fato de que entre os descendentes de italianos havia uma expressão corrente que dizia: “A mãe é sempre mãe³”. Logo, se é sempre mãe, é diferente das outras mães, ou seja, é a mãe que protege e salva tanto na vida presente como na vida futura. Na vida presente, protege para salvar da morte e dos perigos; na vida futura, protege da condenação de Deus.

Devido à grande devoção a Maria, muitas são as orações que passaram de geração em geração criadas pela devoção popular mariana e que venceram até mesmo à catequese e à generalização da língua portuguesa.

Costa (1990) revela a presença especial que Maria teve no início da imigração italiana, como a figura da mãe protetora e salvadora. Essa devoção revelou-se em costumes como a reza do terço, devoção ao escapulário, devoção das três Ave-Marias, devoção do sábado, além da grande produção literária popular de orações dedicadas a ela.

2 “*Ma sto santo sérvulo par che?*” “*Saralo um santo forte?*” (Costa, 1990, p. 536).

3 “*La mama lê sempre mama*” (Costa, 1990, p. 536).

Costa (1990) apresenta, também, um estudo em que sugere alguns indicadores da visão teológico-pastoral, produto da ação de sacerdotes italianos ou não. Essa visão é mostrada por meio de memórias, escritos e correspondências de alguns sacerdotes que detinham certa influência na organização pastoral nas colônias italianas. Assim, diz Costa (1996, p. 497): “A população-alvo é a imigração italiana agrícola, que fazia parte dos objetivos da colonização e que, por sua organização em torno de capitéis e capelas, foi estruturando uma forma própria de organização religiosa-social”.

No início, explica o frade capuchinho, as comunidades de capelas eram, primeiramente, de caráter religioso, só mais tarde é que adquiriram um cunho social. Dessa forma, exerciam poder de controle social, no que diz respeito a quem pertencia ou não à capela, assim como mantinham controle de quem praticava ou não a religião. Nesses primeiros tempos, a capela serviu como lugar de encontro para as celebrações religiosas como, por exemplo, cerimônias fúnebres, reza do teço aos domingos e catequese preparatória para a primeira comunhão. O autor destaca que a não participação na organização das capelas por parte de alguns não se devia à rejeição à proposta religiosa, mas sim à pobreza.

Outro ponto importante levantado por Costa é o que segue:

A grande inovação das comunidades de imigrantes italianos, nas colônias, é a de se terem organizado praticamente desde a chegada dos imigrantes, possibilitando logo um relacionamento direto do imigrante com a igreja institucional, com a ortodoxia religiosa, com os sacerdotes, o que não acontecia, de modo geral, com as populações já estabelecidas, a não ser as alemãs, que, por sua divisão entre evangélicos e católicos, aprimoraram também a organização em comunidades (Costa, 1990, p. 498).

Costa (1996) afirma que o catolicismo do italiano era diferente do praticado pelo brasileiro. Para o brasileiro, o catolicismo era leigo e não requeria a presença de um sacerdote, que só era solicitado em casos de batismos ou casamentos, que tinham efeito civil. Era um catolicismo menos voltado aos sacramentos. Já, para o italiano, o catolicismo era entendido e vivido de forma diferente. Para ele, a prática de sua religião estava centrada na missa, na confissão e na comunhão. O conceito de religião, para eles, estava diretamente ligado ao templo e ao sacerdote. E, como diz o autor: “Onde houvesse sacerdote e igreja, o italiano era praticante. E onde não houvesse sacerdote e igreja, ele acabava, normalmente, esquecendo seus deveres para com Deus e sua vida cristã definhava, caindo quase na indiferença religiosa.” (1990, p. 502).

Talvez esteja justificada aí a necessidade premente do imigrante de, tão logo chegar às novas terras, providenciar a construção de uma capela, manter a reza do terço em família, rezar para os santos, pois, nas condições em que se encontrava, sem esperança em Deus e em sua infinita bondade, não restariam forças para enfrentar tamanhas dificuldades.

Outra questão interessante a ser considerada refere-se ao que diz Costa (1990) com relação à falta de interesse do clero brasileiro tradicional em suprir a falta de sacerdotes nessa região. Segundo ele, além de o clero brasileiro ser escasso, não nutria o menor

interesse pelo catolicismo do imigrante, que era fundamentalmente sacramental. Assim, para atendê-lo, era necessário que se tomassem medidas especiais.

O autor destaca que tanto o sacerdote como o imigrante tinham clara a necessidade da confissão e da comunhão como garantida de salvação. Ou seja, de nada adiantaria para o imigrante conquistar terras sem que tivesse saúde para trabalhá-las, da mesma forma nada adiantaria conquistar o progresso material sem ter a convicção da salvação da própria alma. Logo, saúde e salvação equivaliam-se em valor.

As comunidades de capelas, diz o frei, organizaram-se pelo sistema de distribuição de terras em pequenas propriedades, o que favoreceu o contato entre o colono e o padre. Com relação ao sistema de colonização, Costa refere o que disse frei Bruno de Gillonnay, diretor da Missão dos Capuchinhos Franceses no Rio Grande do Sul, a Dom Giovanni Battista Scalabrini:

O italiano do Rio Grande [...] Sente-se livre em seu pequeno domínio e não esperando nada a não ser do vigor de seus braços e da proteção de seu Deus, ele conserva uma certa independência de ideias e uma certa nobreza de caráter que o constituem verdadeiramente homem e cidadão. Que o rico e o sábio digam ou pensem o que lhes aprouver, o pobre colono pensa e acredita naquilo que acreditam seus pais. (Costa, 1990, p. 245).

Considerações finais

Este estudo buscou comprovar a importância da religião para os imigrantes italianos quando da sua chegada ao Brasil, em especial à região da Serra Gaúcha, no Rio Grande do Sul, pois, diante das dificuldades encontradas na nova terra, a fé que traziam da sua Itália mostrou-se essencial para a subsistência das famílias.

O imigrante italiano e seus descendentes tinham o seu pensar e o seu proceder norteados por três prismas diferentes. O primeiro, que atribuía poderes divinos à natureza; o segundo, que atribuía poderes absolutos a Deus; e o terceiro, que atribuía poderes também aos santos e à Virgem Maria.

As fontes bibliográficas que nos servem de *corpus* demonstraram o que teóricos da religião postulam sobre a importância da fé, principalmente para ajudar a explicar o inexplicável como, por exemplo, a força da natureza, a morte, enfim, várias questões que, pela razão, não se poderia compreender ou suportar.

Pôde-se comprovar também que a religião é um produto cultural e que, em situações de mudança de um povo para um novo lugar, torna-se uma forma de preservar sua origem, sua identidade, pois não podemos nos esquecer de que, no caso dos imigrantes italianos, estes deixaram na sua terra natal, além de membros de suas famílias, suas casas e muitos de seus bens e, ao ingressar em um lugar totalmente novo, uma capela, uma igreja, era a forma de consolidar sua permanência e demarcar um lugar sagrado, capaz de servir como ponto de apoio para toda uma comunidade.

Como se vê, a religião para esse povo foi determinante como elemento de fundação de um lugar que lhes pertencesse e, assim, junto com o trabalho e a família puderam começar uma nova vida. Além disso, tais valores, em especial a religião, são até hoje

passados de geração em geração, sendo que a região da Serra Gaúcha ainda mantém fortemente a fé em Deus como prática entre boa parte das famílias.

Referências

- BAREA, D. José. Traduzido por Mário Gardelin e Rovílio Costa. **A vida espiritual nas colônias italianas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edições Est, 1995. Tradução de: *La vita spirituale nelle Colonie Italiane dello Statto*.
- BATTISTEL, Arlindo I. **Colônia italiana: religião e costumes**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- BATTISTEL, Arlindo I.; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1982. 1v.
- BATTISTEL, Arlindo I.; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1982. 2v.
- BATTISTEL, Arlindo I.; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: a vida italiana em fotografia**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1982. 3v.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin; José Luiz Gonzaga de Prado. São Paulo: Paulus, 1990.
- BURKERT, Walter. **A criação do sagrado: vestígios biológicos nas antigas religiões**. Traduzido por Vitor Silva. Edições 70: Lisboa/ Portugal, 1996. Tradução de: *Creation of the sacred*.
- COSTA, Rovílio. Culto a Maria entre os descendentes italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis A. (org.) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 531-553. 2v.
- COSTA, Rovílio. A igreja no início das colônias italianas. In: DE BONI, Luis A. (Org.). **A presença italiana do Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p.497-522. 3v.
- DE BONI, Luis A. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: LANDO, Aldair Marli (et al.) (org.) **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Traduzido por: Paulo Neves: São Paulo: Martins Fontes, [1912], 1996. Tradução de: *Les formes élémentaires de la vie religieuse*.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Traduzido por: Rogério Fernandes São Paulo: Martins Fontes, [1957], 1992. Tradução de: *Le sacré*

et le profane.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul:** implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e imigração italiana:** os capuchinhos de Sabóia e seu contributo à Igreja do Rio Grande do Sul (1895-1915). Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975.

Recebido em: 30/03/2024

Aprovado em: 13/06/2025

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Alfredo Teixeira.